



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

Jornalismo Internacional: A experiência alimentada pela atualidade¹

Juarez Ferraz de Maia²
Ana Luíza Alves de Andrade
Carlos Humberto Rocha Lourenço

Resumo

Jornalismo Internacional, uma disciplina optativa do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás, com variantes em Oriente Médio, África, Agências Internacionais e Eleições Americanas.

Palavras-chave: Internacional, Jornalismo, Agências, Eleições, Políticas, Disciplinas, Relato.

1. Perspectiva dos estudantes

O Professor Juarez Ferraz de Maia foi acionado pela Coordenação do Curso de Jornalismo para fazer a apresentação de suas disciplinas no 16º Encontro Nacional de Professores de Jornalismo (ENPJ) com o objetivo de informar aos participantes a modalidade do Jornalismo Internacional. Estas subdivididas em: Geopolítica do Oriente Médio, Agências de Notícias Internacionais, Eleições Americanas, África: Continente Desconhecido, Atualidades Políticas Internacionais e América do Sul.

Juarez chamou-nos para, então, como estudantes, apresentar em seu lugar a nossa versão das disciplinas ministradas por ele. Assim, o que segue é, na verdade, o nosso olhar como estudantes que frequentam suas disciplinas em vários períodos.

¹Trabalho apresentado na modalidade Relato, no Grupo de Trabalho Projetos Pedagógicos e Metodologias de Ensino, do XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo, evento componente do 16º ENPJ.

²Professor(a) da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO. Email: juarezmaia@yahoo.com.br
Estudantes Ana Luíza Alves de Andrade e Carlos Humberto Rocha Lourenço e-mails:
na.aluh@hotmail.com e carloshmrto13@gmail.com (respectivamente).



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

2. As disciplinas

“Por que Eleições Americanas? – Juarez é retórico – Eu respondo com Millôr (Fernandes): “A eleição nos Estados Unidos é tão importante que o mundo todo deveria votar.”

Juarez desdobra-se internacionalmente: entre a “Geopolítica do Oriente Médio” e a “África: o continente desconhecido”. Entre “Eleições Americanas” e “Atualidades Políticas Internacionais”, podendo passar da Venezuela para a Bolívia, ou do Reino Unido para o Panamá.

As notícias ainda estão frescas. Semanalmente é exigido que todos os alunos escolham um jornal, selecionem uma notícia relativa ao conteúdo da disciplina ministrada e expliquem a sua relevância. A sensação é quase que a de uma redação de uma Agência de Notícias. Filtrando, distinguindo e aperfeiçoando o tratamento das notícias.

A avaliação das disciplinas em seus conteúdos é motivada pela própria atualidade política internacional. Por exemplo, a guerra na Síria é um ponto essencial para se discutir questões sobre o Oriente Médio. África: continente desconhecido é mediada porque pouco se conhece do assunto e a própria Universidade encampou o conteúdo da disciplina como uma de suas prioridades. A “Agências de Notícias Internacionais” insere-se relevante para a discussão da produção mundial de informação e o monopólio das dez agências internacionais ocidentais da produção e difusão da informação mundial.

3. Metodologia

Professor Juarez de Maia não repete suas aulas. Se hoje estamos vendo slides, na próxima ele passará um documentário. Se os alunos por um segundo cochilam, ele para a

aula e faz uma piada, exige a atenção de todos. Quer que todos estejam presentes, de corpo, cérebro e alma. Sabe o nome de um por um, dentro de um universo de no mínimo, cinquenta pessoas por turma. Isso porque em um semestre, ele costuma dar duas, às vezes três matérias diferentes. Todas relacionadas a assuntos internacionais como Oriente Médio e África. Também está aberto a novos tópicos. O interesse da turma é de seu interesse.

Ele parece estar sempre faminto: de participações. Em cada disciplina bate na tecla do conteúdo específico da aula, que pode ser: “Ninguém quer falar nada? Vamos, aproveitem. Larissa, a eleição americana é igual à do Brasil? Carlos, qual país pode se beneficiar com o escândalo dos vazamentos do Panamá Papers? Ana, já disse para você desligar esse celular. Diga-me, qual o PIB, a área e a população da Angola? Gente, não confundam as Guinéas como se todas formassem apenas um país. E também não confundam milhões com bilhões, esses erros são muito comuns no jornalismo. Vocês tem que ter vergonha é de não perguntar. Esse é o momento. Não existe pergunta burra”.

Adiante, o Professor começa a desenhar um círculo no quadro. “O que nós sabemos e enxergamos está aqui dentro desse perímetro. É uma visão limitada.” Desenha outros círculos ao redor. “Nós temos que aprender a ver todas as outras possibilidades”. E por último rabisca dois olhos, com cílios e tudo. “Esses são os verdadeiros olhos de ver”. Bem, será que, dessa forma, ele não quer nos provocar para que percebamos que parciais midiáticas nos rodeiam constantemente e que precisamos ir além do senso comum e dos estereótipos? Provavelmente.

Em suas aulas, o Professor Juarez repete sempre que há uma diferença entre aquilo que você escuta em sala de aula e aquilo que apreende. Costuma-se afirmar que,



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo
em uma aula expositiva, o estudante retém somente 25% do total do conteúdo exposto.
Pensando nisso, conseqüentemente, trabalha com aulas expositivas, filmes, debates etc.

O trabalho de mídia social é outro ponto de destaque. Ao fazer o aluno trazer qualquer notícia sobre o tema da disciplina, o professor faz com que o estudante crie o hábito de acessar sites e se familiarize com o assuntos do tema principal. A maneira de como o professor puxa participação dos alunos em uma forma descontraída também agrega no aprendizado. Não se importa em explicar algo repetidamente e também desvia o assunto para outra área do tema caso seja pertinente e de interesse da turma. As aulas são dinâmicas, produtivas, instigantes e portanto, agradáveis.

4. O Homem

Juarez tinha quinze anos de idade quando o primeiro estalo jornalístico brotou em sua intuição. Seu amigo, havia acabado de construir um aparelho de transmissão de rádio na cidade de Curralinho, para os íntimos, mas oficialmente, Itaberaí. Dessa amizade nasceu a Rádio Araguaia, funcionando diretamente de dentro de um galpão simples e assim tornando-se a referência radiofônica da região.

Naquele tempo, o Juarez deitava na cama e imaginava “será que um dia eu vou conhecer Brasília?” A capital do Brasil, onde acontece todas as negociatas e acordos políticos importantes, para aquele adolescente era realmente, um lugar desafiador.

Aquele Juarez mal podia imaginar que um dia seria militante, preso por conspiração durante o governo Costa e Silva existia. Não sabia que teria que fugir e pedir o exílio no Chile. Para logo em seguida ter que escapar novamente de outra



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)

XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo

ditadura, desta vez a de Pinochet. Foi para o México e de lá, para a Bélgica, onde terminaria o curso de Jornalismo na Universidade Livre de Bruxelas. Posteriormente, fez doutorado na Universidade de Paris, na França.

Durante o curso percebeu que o Direito Internacional lhe interessava e também outras culturas. Fez amigos árabes, judeus, marroquinos e argelinos. Sempre trabalhou e

estudou ao mesmo tempo. Do seu salário visitou grande parte da Europa. E dessas experiências construiu um novo Juarez.

Havia um novo chamado. A Europa não lhe interessava mais. Soube que Moçambique estava às portas da liberdade. Encantado, lembra: “Comemorei o primeiro ano da independência de Moçambique, em Moçambique.” Foi em solo africano que recebeu a notícia da anistia em 1979 - o perdão "amplo, geral e irrestrito".

Lá, Juarez trabalhou para o Governo, na construção e fundação do sistema de comunicação nacional. Seu papel de peso lhe proporcionou cenas inesquecíveis como conhecer Nelson Mandela e apertar a mão de Yasser Arafat. Junto aos moçambicanos viveu durante vinte anos. Conheceu mais de cem aldeias em Moçambique, Malawi e Zimbábue. Assistiu à guerras civis, teve seu carro bombardeado, mas não gosta de falar muito sobre Moçambique porque “Dói. Bate uma saudade. Foram os melhores anos da minha vida.”

Um estudante moçambicano que fez intercâmbio para estudar na Universidade Federal de Goiás, ao invés de se apresentar, agradeceu por estar ali, durante uma aula do professor. “Eu não sei se vocês sabem, mas no meu país é uma grande honra dizer que estou estudando com o Juarez. Ele é uma personalidade em Moçambique.”

Juarez hoje tem sessenta e oito anos. Sempre foi apaixonado por política e isso está estampado em sua história. Se hoje suas aulas são internacionais, é meramente outra coincidência do destino que levou Juarez a várias partes do mundo. O que acontece é que a vida de Juarez está conectada profundamente na trajetória de sua



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo
carreira. Sua profissão é sua vida e sua vida, sua experiência. E Juarez não acredita em jornalistas de escritórios, sem experiência de vida.

5. Avaliações

Se não há espaço para a improvisação, para a mesma espontaneidade de um furo jornalístico, não há tampouco espaço para a reinvenção. E podemos ir além: o que move a mudança constante é a paixão, é a conquista contínua.

E nesse ponto, Juarez, atende aos padrões do jornalismo atual. É um dos professores com mais tempo de carreira (na faculdade) e um dos mais modernos. Está sempre atualizado. Pronto para abandonar todo o plano da aula, meticulosamente preparada, para dedicar-se a um debate necessário, uma dúvida fundamental, um tema completamente oposto.

Se o mundo se globalizou após a derrocada das fronteiras entre os países, e se nós também nos globalizamos através da tecnologia, derrubando nossas próprias barreiras físicas e comunicativas, a palavra “internacional” torna-se cada vez mais nacional. Uma instabilidade na China é uma instabilidade mundial. A crise na Europa? Sentimos e compartilhamos das mesmas dores ou preocupamo-nos que possa se espalhar, nos atingir. Os problemas dos outros são hoje nossos problemas.

Porque no fundo as dificuldades são as mesmas – a corrupção, a inflação, a desigualdade –, a realidade é sentida por todos – aquecimento global, insuficiência hídrica e a miséria –, a ressonância pode ser devastadora – terrorismo e crises migratórias. Entender os desequilíbrios internacionais é entender os nossos próprios



Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ)
XII Ciclo Nacional de Pesquisa em Ensino e Extensão em Jornalismo
desequilíbrios. Fazer jornalismo hoje é falar sobre tudo ao mesmo tempo, é falar sobre o Brasil, falando sobre o universo estrangeiro.

Não há nenhum sigilo da fonte: Juarez apenas mantém vivo o fascínio pela própria profissão. Conhece o dinamismo e a capacidade do universo da comunicação e quase aos setenta, passeia com ares de grandes novidades. Não é disso que o Jornalismo deveria se alimentar? Atualidade, sim!, e a experiência naturalmente acontecerá.